

# *Enunciação e intersubjetividade*

**Beth Brait**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - Brasil

*A presença do “eu” é constitutiva do nós. (Benveniste, 1946)*

*... a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação. (Benveniste, 1954)*

*O tempo do discurso nem se reduz às divisões do tempo canônico nem se fecha em uma subjetividade solipsista (...) a condição da intersubjetividade é que torna possível a comunicação lingüística. (Benveniste, 1965)*

## **Resumo**

Os lugares em que os conceitos de enunciação e intersubjetividade são apontados como dando forma à teoria benvenistiana, bem como suas conseqüências para o pensamento lingüístico contemporâneo.

**Palavras-chave:** Benveniste - enunciação - intersubjetividade

## **Abstract**

The contexts where the concepts of enunciation and intersubjectivity are assigned to provide form to Benveniste's theory as well as their consequences to contemporary linguistic thought.

**Key words:** Benveniste - enunciation - intersubjectivity

## 1 Porque nós, como Roland Barthes, amamos Benveniste

Émile Benveniste (1902-1976), comparatista, saussureano, especialista em indo-europeu, é, sem dúvida, um dos mais importantes lingüistas nascido no século XX. Isso graças à sua inestimável contribuição para o desenvolvimento dos estudos da linguagem e, ainda, pela maneira como soube conduzir uma reflexão que estabeleceu uma ligação indissociável entre linguagem e ser humano. Da brilhante carreira dedicada especialmente aos estudos iranianos<sup>1</sup>, à gramática comparada das línguas européias<sup>2</sup> e à lingüística geral, alguns momentos decisivos devem ser destacados: em 1922 tornou-se professor efetivo de gramática; de 1927 a 1969 ensinou gramática comparada do indo-europeu e iraniano na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, como sucessor de Antoine Meillet; em 1935, defendeu seu doutorado em Letras; de 1934 a 1936 esteve no Collège de France como suplente de Antoine Meillet e, a partir de 1937, torna-se professor titular nessa renomada instituição.

Considerando o conjunto das publicações do autor e o tema deste ensaio - enunciação e intersubjetividade -, seria natural explorar, de imediato, o texto “Aparelho formal da enunciação”, que apareceu na revista *Langages* 17, em 1970, foi republicado em *Problèmes de Lingüistique Generale* II em 1974 e que, de uma certa forma, sintetiza a teoria enunciativa benvenistiniana. Esse é o trabalho com o qual Benveniste ganha prestígio e reconhecimento junto aos lingüistas, especialmente por sua contribuição decisiva para uma perspectiva enunciativa da linguagem. Se pelos estudos dedicados ao indo-europeu Benveniste foi reconhecido como um grande especialista, desde seus primeiros trabalhos, o reconhecimento como especialista em lingüística geral veio somente no final da década de 60, começo da década 70 do século passado. É provável que isso se deva, como já apontaram vários estudiosos, ao fato de que seus estudos de lingüística geral foram produzidos ao longo de quatro décadas (de 1939 a 1972), circulando e sendo publicados nos meios filosóficos e psicanalíticos.

Há outras conjecturas a esse respeito, talvez mais condizentes com a especificidade do pensamento lingüístico de Benveniste. Num texto intitulado “Benveniste: a exceção francesa” (1994), François Dosse lembra que a crise do

estruturalismo começa em 1966, momento em que se dá o avanço do gerativismo e, ao mesmo tempo, a progressão de uma lingüística da enunciação. Nesse sentido, para ele e para vários outros lingüistas e historiadores da lingüística, Benveniste, embora tenha desempenhado um papel importante no que diz respeito aos estudos lingüísticos, permaneceu de uma certa maneira *subterrâneo* até o final dos anos 60. Sua teoria da enunciação, de fato, abriu uma brecha no estruturalismo, mas não encontrou receptividade, a não ser no final dos anos sessenta, justamente porque *sujeito*, até aquele momento, era uma categoria que não fazia parte das preocupações lingüísticas. E, curiosamente, a grande importância de Benveniste para a Lingüística Geral reside, precisamente, no fato de ter introduzido, no centro das preocupações lingüísticas, a questão do sujeito, a partir de uma abordagem enunciativa da linguagem.

Portanto, esse trabalho inovador começa bem antes da publicação do artigo “Aparelho formal da enunciação”. Por essa razão, o objetivo deste estudo é localizar os trabalhos que precedem esse artigo e que preparam e fundamentam a teoria enunciativa que está aí sistematizada.

## 2 Perseguindo o sujeito constituído na e pela linguagem

É somente em 1966 e 1974 que os trabalhos sobre lingüística geral são agrupados e permitem observar a coerência e a profundidade com que Benveniste estudou a linguagem, criando uma teoria da enunciação que possibilitou a reintegração do sujeito e da subjetividade nos estudos lingüísticos, bem como um considerável avanço em direção aos estudos do discurso. Em *Problemas de lingüística geral* I e II é possível observar, dentre outras coisas, a forma como a concepção da linguagem, da perspectiva da enunciação e do discurso, envolve subjetividade e intersubjetividade de maneira constitutiva. Publicado em dois volumes - o primeiro em 1966 e o segundo em 1974 - *Problemas de lingüística geral* reúne quarenta e seis estudos e duas entrevistas e constitui um expressivo conjunto para a compreensão das relações existentes entre língua, enunciação, discurso, sujeito, subjetividade, intersubjetividade e diálogo.

Esse conjunto foi selecionado a partir de trabalhos que o autor desenvolveu

do final da década de 30 até os anos 70. Os artigos, assim como as duas entrevistas, apresentam reflexões originais sobre especificidades lingüísticas voltadas, por exemplo, para os verbos e para os pronomes. Ao mesmo tempo, há discussões que problematizam as interfaces verificadas entre biológico e cultural, subjetividade e sociabilidade, signo e objeto, símbolo e pensamento, língua e suas realizações.

Aqui, a idéia é localizar e alinhar momentos em que Benveniste funda sua teoria da enunciação, deflagrando a questão do sujeito, da subjetividade, do discurso e da intersubjetividade, aspectos considerados por ele como constitutivos da linguagem. E isso se dá a partir da década de 40, quando, pela primeira vez, essas categorias começam a ganhar espaço em suas reflexões.

Um dos primeiros momentos do aparecimento da questão do sujeito e da abordagem enunciativa pode ser localizado em “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, texto que apareceu no *Bulletin de la Société de Linguistique*, XLIII, fascículo 1, nº 126, 1946, e que está reproduzido em *Problemas de lingüística geral* I<sup>3</sup>. Nesse trabalho, feito a partir de um estudo sobre o coreano, Benveniste afirma que, entre outras coisas, “há um caráter indissociável da noção de pessoa e verbo, seja qual for a língua”. Essa afirmação é justamente um dos aspectos da reflexão sobre algumas das categorias que vão fundamentar sua teoria da enunciação. Esse é o texto em que, ao menos do ponto de vista de uma lingüística geral, ele distingue as pessoas “eu”/“tu” da não pessoa “ele” e insere dois termos que interessam a este trabalho: *intersubjetividade* e *diálogo*:

Ao par eu/tu pertence particularmente uma correlação especial, a que chamaremos, na falta de uma expressão melhor, *correlação de subjetividade*. O que diferencia ‘eu’ de ‘tu’ é, em primeiro lugar, o fato de ser, no caso de ‘eu’ *interior* ao enunciado e *exterior* a ‘tu’, mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo (1988: 255).

É, portanto, no momento em que trata dos pronomes “eu” e “tu” como sendo pessoas que se caracterizam pela sua “unicidade específica – o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual o “eu” se dirige [e que] são cada vez únicos”, que Benveniste vai falar de uma *correlação intersubjetiva*, dando uma primeira pista para que

se possa compreender a dimensão que *intersubjetividade*, termo que ele mesmo coloca em itálico, um tanto sob suspeita, vai ganhar em sua teoria da enunciação. Nesse momento, e em vários outros, *intersubjetividade* aparece como uma categoria constitutiva do diálogo. O diálogo, por sua vez, consubstancia-se aí como “uma realidade humana”. Sem dúvida, de alguma maneira bastante forte, Benveniste está abordando as formas lingüísticas de uma nova perspectiva, dando-lhes uma dimensão que elas ainda não tinham experimentado, ou seja, uma dimensão que implica *sujeitos enunciando-as e enunciando-se a partir delas*.

Na década de 50, um outro trabalho retoma essas questões. Num belíssimo texto intitulado “Comunicação animal e comunicação humana”, que apareceu na revista *Diogène* I, em 1952, e que está reproduzido em PLG I<sup>4</sup>, mais uma vez a questão do diálogo é retomada como uma condição da linguagem humana. Mesmo falando em comunicação e mensagem, o que poderia apontar para uma teoria da comunicação um tanto mecanicista, Benveniste extrapola esse reducionismo ao comparar a sofisticada linguagem das abelhas com a linguagem humana. Embora capaz de produzir mensagens que podem ser compreendidas e comunicadas, a linguagem das abelhas não implica o diálogo, não implica a enunciação, não implica *sujeitos*.

Uma diferença capital aparece também na situação em que se dá a comunicação. A mensagem das abelhas não provoca nenhuma resposta do ambiente mas apenas uma certa conduta. Isso significa que as abelhas não conhecessem o diálogo, que é a condição da linguagem humana. Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana (1988: 65).

Na década de 50, mais um texto merece atenção no que diz respeito à enunciação e à *intersubjetividade*. Trata-se de “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, que foi publicado na revista *La psychanalyse*, em 1956, e que está reproduzido em PLG I<sup>5</sup>. O que interessa aqui não são as restrições feitas às teorias freudianas, o destaque a Lacan ou as distinções entre a linguagem dos sonhos e a linguagem cotidiana. O que deve ser considerado é o fato de Benveniste se ater à questão do discurso e do sujeito e, conseqüentemente, apontar para as implicações dessas categorias tanto para a Psicanálise como para

os estudos da linguagem de uma maneira geral. Há vários trechos, por vezes parafraseados de Freud, que merecem destaque nesse sentido. Na verdade eles induzem a uma leitura mais cuidadosa desse texto, especialmente no que diz respeito a uma teoria da benvenistiniana da enunciação, explicitamente em construção.

Ainda que esse seja um texto que dizem ter sido encomendado por Lacan, que naquele momento estava interessado não apenas na Lingüística e na releitura de Saussure, mas também em atrair a atenção dos lingüistas, as escolhas feitas por Benveniste para discutir a Psicanálise e o papel que a linguagem desempenha na relação analista/paciente vão além de um simples interesse, de uma leitura casual. Ele, de fato, estabelece um forte diálogo com a Psicanálise de forma a prever para a Lingüística as *questões da enunciação*.

Observe-se um primeiro trecho:

(...) o analista opera sobre o que o sujeito *dis*. Considera-o nos discursos que este lhe dirige, examina-o no seu comportamento locutório, “fabulador”, e através desses discursos se configura lentamente para ele outro discurso que ele terá o encargo de explicitar, o do complexo sepultado no inconsciente. Assim, do paciente ao analista e do analista ao paciente o processo inteiro opera-se por intermédio da linguagem (1988: 82).

Se, como um todo, o trecho aponta para a questão do sujeito que fala/*dis*, para a dimensão da enunciação, é possível destacar as seguintes seqüências: “o que o sujeito *dis*”; “nos discursos”; “comportamento locutório, ‘fabulador’”; “o processo inteiro opera-se por intermédio da linguagem”.

Num outro trecho, outras afirmações apontam para uma teoria enunciativa, envolvendo linguagem e sujeito: “os acontecimentos empíricos não têm realidade para o analista a não ser no – e pelo – “discurso”; “a relação do analista ao sujeito, a do diálogo”; “discurso concreto enquanto realidade transindividual do sujeito”.

De fato, se ele precisa de que o paciente lhe conte tudo (...) é porque os acontecimentos empíricos não têm realidade para o analista a não ser no

– e pelo – “discurso”, que lhes confere a autenticidade da experiência, sem consideração de sua realidade histórica, e mesmo (é preciso dizer: sobretudo) que o discurso evite, transponha ou invente a biografia que o sujeito se atribui. A dimensão constitutiva dessa biografia consiste no fato de ser verbalizada e, assim, assumida por aquele que fala de si mesmo; a sua expressão é a da linguagem; a relação do analista ao sujeito, a do diálogo (...) Na sua brilhante tese sobre a função da linguagem na psicanálise, o doutor Lacan diz sobre o método analítico (p. 103): “Os seus meios são os da palavra na medida em que essa confere às funções do indivíduo um sentido; o seu domínio é o do discurso concreto enquanto realidade transindividual do sujeito; as suas operações são as da história, na medida em que essa constitui a emergência da verdade do real. (1988: 83).

Mais adiante, no mesmo texto, há um forte destaque para a relação entre palavra e subjetividade; para o discurso e a palavra como instâncias de representação do sujeito e do outro; para a alocação que instala o eu e o outro; para a subjetividade como condição do diálogo; para o fato de que a língua fornece os instrumentos e se sujeita, enquanto palavra, a fins individuais e intersubjetivos; para a distinção entre língua e discurso; para antinomia que se estabelece no sujeito entre língua e discurso.

Pode-se, a partir dessas definições justas e, em primeiro lugar, da definição introduzida entre os meios e o domínio, tentar delimitar as modalidades da ‘linguagem’ que estão em jogo.

Em primeira instância, encontramos o universo da palavra, que é o da subjetividade. Ao longo das análises freudianas, percebe-se que o sujeito se serve da palavra e do discurso para representar-se a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o ‘outro’ a comprovar (...) Pela simples alocação, aquele que fala de si mesmo instala o outro nele e dessa forma se capta a si mesmo, se confronta, se instaura tal como aspira a ser, e finalmente se historiza nessa história incompleta ou falsificada. (...) A linguagem, assim, é utilizada aqui como palavra, convertida nessa expressão da subjetividade iminente e evasiva que constitui a condição do diálogo. A língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro se faz reconhecer por ele. Ora, a língua é uma estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-lhe assim um perfil novo e estritamente pessoal. A língua é um sistema comum a todos; o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de ação. Nesse sentido, as configurações das palavras são cada vez únicas, embora se realizem no interior – e por intermédio – da linguagem. Há pois antinomia no sujeito entre o discurso e a língua (1988: 84).

Também aparece em 1956, em *For Roman Jakobson*, Haia, Mouton & Co, um texto fundamental para o estudo da enunciação e da intersubjetividade, intitulado “A natureza dos pronomes”, que está reproduzido em PLG I<sup>6</sup>. Esse estudo exemplar e refinado no que diz respeito à língua, à enunciação e ao discurso, é um dos momentos em que Benveniste estabelece um diálogo com a pragmática, mas não é o único, uma vez que também a filosofia analítica dos atos de fala é considerada por ele<sup>7</sup>. No estudo sobre a natureza dos pronomes, é com Charles Morris e sua Pragmática ou teoria filosófica da ação que Benveniste dialoga, como se pode confirmar no seguinte trecho: “O enunciado que contém *en* pertence a esse nível ou tipo de linguagem a que Charles Morris chama pragmático, e que inclui, com os signos, aqueles que o empregam” (PLG I: 278).

Entretanto, a dimensão “pragmática” a que se refere Benveniste aponta para uma direção totalmente diferente da que foi trilhada pela teoria dos atos de fala e pela pragmática semântica, como se pode observar no texto todo, mas especialmente nos trechos transcritos a seguir.

Qual é, portanto, a *realidade* à qual se refere eu ou tu? Unicamente uma *realidade de discurso*, que é coisa muito singular (PLG I: 278).

Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas “pronominais” não remetem à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego. A importância de sua função se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. (...) O seu papel consiste em fornecer o instrumento de uma conversão, a que se pode chamar a conversão da linguagem em discurso. (1988: 280).

Concentrando-se no funcionamento das formas “pronominais”, ele mais uma vez dá seqüência a aspectos fundamentais para sua teoria da enunciação, para a forma como o sujeito e intersubjetividade são aí concebidos. Nesse trabalho, Benveniste afirma, e demonstra, que a especificidade dessas formas lingüísticas encontra-se no fato de que elas remetem sempre à enunciação. E que a enunciação, diferentemente da língua, é cada vez única, contendo e refletindo o emprego das formas. Mais que isso: vincula explicitamente a enunciação à intersubjetividade

própria da comunicação.

Evidentemente, sendo esse texto uma das chaves para a compreensão da teoria enunciativa proposta por Benveniste (*eu, aqui agora*), é possível reconhecer que *sujeito* e *intersubjetividade* assumem uma maneira muito especial de ser: “É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propões alternadamente como ‘sujeito’” (1988: 281).

Dois anos depois, 1958, aparece no *Journal de psychologie* o texto “Da subjetividade na linguagem”, essencial para a compreensão da teoria enunciativa de Benveniste, que também está presente em PLG I<sup>8</sup>. De forma contundente e original, novamente dentro de uma perspectiva que é marcadamente enunciativa, Benveniste discute, dentre outras coisas, porque a linguagem não pode ser tomada como um *instrumento*: “Falar de instrumento é colocar em oposição o homem e a natureza (...) A linguagem está na natureza do homem (...) Não atingimos nunca o homem separado da linguagem” (1988: 285). A partir dessa afirmação essencial, e justamente para configurá-la, ele vai novamente retomar a questão dos pronomes pessoais e da dêixis em geral para explicitar a dimensão subjetiva da linguagem. É também nesse texto que ele apresenta a oposição entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação.

Mais uma vez, o artigo como um todo, e cada um de seus enunciados, aponta para algo novo, justamente para aspectos que abrem brechas no estruturalismo, na lingüística como sendo unicamente o estudo da língua como sistema abstrato.

Estão destacados, a seguir, trechos que de alguma maneira apontam novamente para: um diálogo com a psicanálise; definem como o sujeito é concebido a partir de uma teoria enunciativa da linguagem; articulam linguagem e subjetividade; dimensionam língua / enunciação / discurso; retomam a idéia de intersubjetividade.

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.

A ‘subjatividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. (...) Ora, essa ‘subjatividade’, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É o ‘ego’ que *diç ego*. Encontramos aí o fundamento da ‘subjatividade’ que se determina pelo status lingüístico da ‘pessoa’ (1988: 286).

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa *eu*. (...) A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma conseqüência totalmente pragmática (1988: 286).

É na instância do discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como *sujeito*. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjatividade está no exercício da língua (...) A linguagem é, pois, a possibilidade de subjatividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas a sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjatividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas (1988: 288-289).

A enunciação identifica-se com o próprio ato. Essa condição, porém, não se dá no sentido do verbo: é a ‘subjatividade’ do discurso que a torna possível. (...) Muitas noções na lingüística, e talvez na psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se as estabelecermos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjatividade*, única que torna possível a comunicação lingüística (1988: 292-293).

Em 1965, um outro trabalho dá continuidade, por assim dizer, ao estudo das categorias que fundamentam a teoria enunciativa desenvolvida por Benveniste. Trata-se de “A linguagem e a experiência humana”, publicado na revista *Diogène* n° 51 e reproduzido em PLG II<sup>9</sup>. Segundo o autor, “Das formas lingüísticas reveladoras da experiência subjetiva, nenhuma é tão rica como aquelas que exprimem o *tempo*, nenhuma é tão difícil de explorar, a tal ponto estão arraigadas as idéias preestabelecidas, as ilusões de *bom senso*, as armadilhas do psicologismo”. Esse estudo, consagrado à categoria tempo, retoma a questão da presença da subjatividade na linguagem, considerada a partir da enunciação. E isso se faz de uma maneira profunda e inovadora e, retomando também a questão da intersubjatividade, como se observa nos trechos transcritos a seguir:

O tempo do discurso nem se reduz às divisões do tempo crônico nem se fecha em uma subjetividade solipsista. Ele funciona como um fator de intersubjetividade, o que de unipessoal ele deveria ter o torna onipessoal. A condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação lingüística (1989: 78).

A intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo da troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem (1989: 80).

Em 1969, aparece “Semiologia da língua”, texto publicado em *Semiótica*, I, Moutoun & Co., republicado em *PLG II*<sup>10</sup>. Nele Benveniste vai sistematizar a relação entre língua e discurso, entre enunciado e enunciação, entre signo e palavra, entre reconhecimento e compreensão, apresentando, dentre outras coisas, a produtiva concepção de *dupla significância*. Por meio desse conceito, ele vai diferenciar um modo próprio de significação do signo, em estado de língua, e um outro modo de significação, engendrado pelo discurso. O primeiro nível, por assim dizer, é *identificado* pelo falante, enquanto que o outro, que não exclui o primeiro, é *compreendido*: “É preciso compreender que a língua comporta dois domínios distintos, cada um dos quais exige seu próprio aparelho conceptual” (1989: 67). E propõe, finalizando o texto, que considerada a dupla significação constitutiva da linguagem humana, “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua” (1989: 67).

Parece natural que, a partir desse conjunto de proposições em torno de uma perspectiva enunciativa da linguagem, Benveniste fizesse vir à luz o texto “O aparelho formal da enunciação”, publicado em 1970 na revista *Langages*, e que também faz parte de *PLG II*<sup>11</sup>. Sem dúvida, um dos mais conhecidos estudos de Benveniste, esse texto explicita as condições de emprego das formas da língua e caracteriza a enunciação como um movimento vivo da língua e se de seus sujeitos, que se realiza nas situações concretas de comunicação. Essa síntese de sua teoria enunciativa abre caminho para os estudos do sujeito e do discurso e é utilizada sempre que há necessidade de trabalhar as materialidades lingüísticas que

configuram textos e discursos.

Assim sendo, estão destacados a seguir alguns dos trechos que definem a perspectiva benvenistiana da relação língua, discurso, enunciação, passando por seu conceito de sujeito que, sem se confundir com o sujeito histórico ou com o psicanalítico, permite considerar as ancoragens lingüísticas da subjetividade e da intersubjetividade. Um avanço incalculável para os estudos lingüísticos dos anos 70, com fortes ressonâncias em outras ciências humanas.

A enunciação é esse colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. (...) A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso (1989: 82-83).

Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização. O ato individual pelo qual se realiza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias de enunciação. enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. (...) Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro (1989: 83-84).

O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo (1989: 87).

Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o *quadro figurativo* da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas 'figuras' igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação (1989: 87).

Para finalizar, é preciso reafirmar que a proposta de Benveniste relacionada às formas de presença da subjetividade na linguagem, assim como a intersubjetividade que caracteriza o diálogo e o sujeito que se constitui na e pela linguagem, dizem respeito a questões que implicam a produção do sentido, dimensão da linguagem humana perseguida por diferentes teorias do discurso. E é com uma fala de Benveniste que este estudo ganha um ponto final:

É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser

descobertos, pois o homem é ainda e cada vez mais um objeto a ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele (1989:104).

## Notas

<sup>1</sup> Alguns estudos voltados para o iraniano antigo, medieval e moderno: *Essai de grammaire sogdienne*, vol. 2: morphologie, syntaxe et glossaire (1929); *Les infinitifs avestiques* (tese complementar, 1935); *Études sur la langue ossète* (1959); *Titres et noms propres em iranien ancien* (1966).

<sup>2</sup> Dos trabalhos sobre as línguas indo-européias destacam-se: *Origine de la formation des noms em indo-européen* (tese principal, 1935); *Noms d'agent et noms d'action em indo-européen* (1948); *Hittite et indo-européen* (1962); *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969).

<sup>3</sup> Benveniste (1988) “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, p. 260-276.

<sup>4</sup> Benveniste (1988) “Comunicação animal e comunicação humana”, p. 60-67.

<sup>5</sup> Benveniste (1988) “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, p. 81-94.

<sup>6</sup> Benveniste (1988) “A natureza dos pronomes”, p. 277-293.

<sup>7</sup> Ver texto “A filosofia analítica e a linguagem”, que apareceu em *Lês études philosophiques*, n.º 1, 1963, e foi republicado em está *Problemas de Lingüística Geral I*, p. 294-305.

<sup>8</sup> Benveniste (1988) “Da subjetividade na linguagem”, p. 284-293.

<sup>9</sup> Benveniste (1989) “A linguagem e a experiência humana”, p. 68-80.

<sup>10</sup> Benveniste (1989) “semiologia da língua”, p. 43-67.

<sup>11</sup> Benveniste (1989) “O aparelho formal da enunciação”, p. 81- 90.

## Referências Bibliográficas

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. 2ed. Campinas: Pontes, 1988. (1ª edição francesa 1966)

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et alii. Campinas: Pontes, 1989. (1ª edição Francesa 1974).

BRAIT, Beth (1994) La réception d'Émile Benveniste au Brésil: quelques aspects. In: *Língua e Literatura*, n.º 21, São Paulo: FFLCH/USP, pp. 199-215.

DESSONS, Gérard (1993) *Émile Benveniste*. Paris: Bertrand-Lacoste, 1993.

DOSSE, François *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias* (2). Trad. Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, São Paulo: Editora Ensaio, 1994.